UNE ✦ SACRA

Islã

Divã de Hafez

✦ ✦ ✦

Hafez de Shiraz (c. 1315–1390)

Tradução (edição 1)

Créditos

Autor	Hafez de Shiraz (c. 1315–1390)
Data	século XIV
Idioma original	Persa
Versão	Tradução (edição 1)
Tradução	Tradução popular, a partir da versão inglesa de Gertrude Bell
Fonte	Project Gutenberg — eBook nº 74883
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

Hafez (c. 1315–1390), de Shiraz, é o poeta mais amado do Irã: seus versos são decorados, cantados e, até hoje, abertos ao acaso para pedir conselho, como um oráculo.

O Divã reúne seus gazais, poemas curtos de amor em que o vinho, a taberna, a rosa e o rouxinol podem ser lidos ao pé da letra ou como símbolos do amor de Deus, segundo a tradição sufi.

Esta é a seleção de 43 poemas traduzidos em verso por Gertrude Bell (1868–1926), publicada em Londres em 1897.

Bell, que mais tarde seria arqueóloga e uma das figuras mais conhecidas do Oriente Médio, aprendeu persa numa viagem a Teerã, e sua tradução é considerada uma das mais belas de Hafez em inglês.

Fonte: https://www.gutenberg.org/ebooks/74883

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Poema I

Poema II

Poema III

Poema IV

Poema V

Poema VI

Poema VII

Poema VIII

Poema IX

Poema X

Poema XI

Poema XII

Poema XIII

Poema XIV

Poema XV

Poema XVI

Poema XVII

Poema XVIII

Poema XIX

Poema XX

Poema XXI

Poema XXII

Poema XXIII

Poema XXIV

Poema XXV

Poema XXVI

Poema XXVII

Poema XXVIII

Poema XXIX

Poema XXX

Poema XXXI

Poema XXXII

Poema XXXIII

Poema XXXIV

Poema XXXV

Poema XXXVI

Poema XXXVII

Poema XXXVIII

Poema XXXIX

Poema XL

Poema XLI

Poema XLII

Poema XLIII

POEMA I

✦

Levanta-te, ó Escanção, levanta-te! e traze
Aos lábios sedentos a taça que louvam,
Pois parecia que o amor era algo fácil,
Mas meus pés caíram em caminhos difíceis.
Roguei ao vento que sobre meu coração lançasse
A fragrância de almíscar em seus cabelos que dormem—
Na noite de seus cabelos—contudo fragrância alguma detém
As lágrimas de sangue do coração que meu triste coração chora.

Ouve o dono da taverna que te aconselha:
"Com vinho, com vinho tinto tinge o teu tapete de oração!"
Nunca houve viajante como ele que não conhecesse
Os caminhos da estrada e da hospedaria.
Onde descansarei, quando pela noite silenciosa,
Além do teu portal, ó Coração do meu coração,
Os sinos dos camelos lamentam e clamam:
"Prende de novo o teu fardo e parte!"

As ondas correm altas, a noite está nublada de medos,
E rodemoinhos em turbilhão se chocam e rugem;
Como alcançará a minha voz que se afoga os ouvidos daqueles
Cujas embarcações de leve carga já atingiram a margem?

Busquei o que era meu; os anos implacáveis
Trouxeram-me o que é meu, um nome desonrado.
Que manto cobrirá a minha miséria
Quando cada boca zombeteira já repetiu a minha vergonha!

Ó Hafiz, que buscas o fim da contenda,
Guarda bem em tua mente o que os sábios escreveram:
“Se ao fim alcançares o desejo de tua vida,
Lança o mundo de lado, sim, abandona-o!”

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA II

✦

O pássaro dos jardins cantou para a rosa,
Recém-desabrochada na alvorada límpida: “Curva a tua cabeça!
Tão belas quanto tu neste jardim fechado,
Muitas floresceram e morreram.” Ela rindo disse:
“Que eu tenha nascido para murchar não entristece meu coração;
Mas nunca foi papel de um verdadeiro amante
Perturbar com palavras amargas o repouso do seu amor.”

O degrau da taverna será a tua hospedaria,
Pois o sopro mais divino do Amor só chega àqueles
Que suplicantes jazem no limiar poento.
E tu, se quiseres beber o vinho que flui
Do cálice enfeitado de joias da Vida, vermelho como rubi,
Sobre os teus cílios teus olhos fiarão
Mil lágrimas por esta temeridade.

Ontem à noite, quando o jardim mágico de Irem dormia,
Agitando as tranças roxas e encaracoladas do jacinto,
O vento da manhã caminhou pelas alamedas.
“Onde está a tua taça, o espelho do mundo?
Ah, onde está o Amor, ó Trono de Djem?”, gritei.
As brisas não sabiam; mas “Ai de nós”, suspiraram,
“Que a felicidade durma por tanto tempo!”, e choraram.

Não nos lábios dos homens reside o segredo do Amor,
Remota e não revelada é a sua morada.
Ó Saki, vem! o riso ocioso morre
Quando tu granjeias o banquete com vinho celestial.
Paciência e sabedoria, Hafiz, num mar
De tuas próprias lágrimas estão afogadas; a tua miséria
Eles não puderam acalmar nem esconder dos olhos curiosos.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA III

✦

Vento do oriente, ó Poupa do dia,
Envio-te à minha Senhora, embora o caminho
Seja longo até Sabá, para onde te mando voar;
Para que no pó tuas asas indômitas não fiquem,
Partidas de dor, envio-te ao teu ninho,
Fidelidade.

Longe ou perto não há lugar de parada
Na estrada do Amor—ausente, vejo o teu rosto,
E em teu ouvido sopram minhas saudações levadas pelo vento,
Ventos do norte e do leste as transportam para onde se destinam,
A cada manhã e tarde comboios de belas saudações
Envio a ti.

Para meus olhos uma estranha, tu que és
Uma companheira sempre presente em meu coração,
Que orações sussurradas e que plena recompensa de louvor
Envio a ti.

Para que o exército da Tristeza não devaste o domínio do teu coração,
Envio minha vida para te trazer a paz de novo,
Querida vida, o teu resgate! Aprende com teus cantores
Como aquele que anseia por ti pode chorar e arder;
Sonetos e palavras entrecortadas, doces notas e canções
Envio a ti.

Dá-me a taça! uma voz ressoa em meus ouvidos
Clamando: “Suporta com paciência os anos amargos!
Por todos os teus males, envio-te graça celestial.
Deus, o Criador, espelhado em teu rosto
Teus olhos verão, a imagem de Deus no espelho
Envio a ti.

“Hafiz, só o teu louvor meus companheiros cantam;
Apressa-te a vir a nós, tu que estás entristecido!
Um manto de honra e um corcel selado
Envio a ti.”

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA IV

✦

O sono sobre teus olhos, brilhantes como flores de narciso,
Não cai em vão!
E não em vão o suave resplendor dos teus cabelos se derrama—
Ah, não em vão!

Antes que o leite em teus lábios estivesse seco,
Eu disse: “Lábios onde reside o sal do engenho,
Doces serão misturados à tua zombaria,
E não em vão!”

Tua boca é a fonte onde fluem as águas da Vida,
Um poço de lágrimas com covinhas está posto abaixo,
E a morte jaz perto da vida, sabem teus amantes,
Mas sabem em vão!

Deus te conceda longa extensão de dias felizes!
Eis que não pela sua própria vida teu servo ora;
O dardo do Amor em tuas sobrancelhas curvadas o Arqueiro põe,
E não dispara em vão.

Estás aflito de dor, com a dor aguda
Da ausência, e o trabalho amargo é a tua parte?
Tuas lamentações e tuas lágrimas, ó Coração,
Não são em vão!

Ontem à noite o vento soprou de sua aldeia,
E vagou por todas as alamedas do jardim,
Ó rosa, rasgando o manto do teu peito em dois;
Não foi em vão!

E Hafiz, embora teu coração morra dentro de ti,
Escondendo a agonia do amor dos olhos curiosos,
Ah, não em vão tuas lágrimas, não em vão teus suspiros,
Não de todo em vão!

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA V

✦

Ó jovem turca de Shiraz! em tua mão
Se tomares meu coração, pela pinta em tua bochecha
Eu trocaria Bucara e Samarcanda.
Traze, Escanção, tudo o que resta do teu vinho!
No Jardim do Paraíso em vão buscarás
A margem da fonte de Ruknabad,
E os caramanchões de Mosalla onde as rosas se entrelaçam.

Encheram a cidade de sangue e tumulto,
Esses Lulis de voz suave por quem suspiramos;
Como ladrões turcos caindo sobre o despojo,
Roubaram e saquearam a paz do meu coração.
Dotada de bens é minha senhora, um mendigo sou eu;
O que lhe trarei? um rosto belo
Não precisa de joia nem de pinta nem da arte da camareira.

Relatai belas histórias de cantores e vinho,
A chave para o Oculto seria em vão buscar;
Nenhuma sabedoria nossa destrancou aquele portão,
E trancado para a nossa sabedoria ele ainda estará.
Mas da beleza de José o alaúde falará;
E o minestrel sabe que Zuleika se apresentou,
Com o Amor entreabrindo as cortinas da modéstia.

Quando falaste mal do teu servo foi bem—
Deus te perdoe! pois tuas palavras foram doces;
Não foi mal-recebida a resposta mais amarga que caiu
De lábios onde o rubi e o açúcar jaziam.
Mas, belo Amor, que o bom conselho dirija teus pés;
Muito mais caros à juventude do que a própria vida querida
São os avisos de alguém tornado sábio—e grisalho!

A canção está cantada e a pérola está enfiada;
Vem para cá, ó Hafiz, e canta novamente!
E os Céus atentos suspensos acima de ti
Soltarão sobre o teu verso a corrente das Plêiades.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA VI

✦

Uma bochecha cor de flor, o cercado florido
Da bela terra, estes são suficientes para mim—
Suficiente é que no prado minguante e crescente esteja
A sombra de um cipreste gracioso.
Não sou amante da hipocrisia;
De todos os tesouros que a terra pode ostentar,
Uma taça transbordante de vinho é o que mais valorizo—
Isto é suficiente para mim!

Para aqueles que aqui renomados por virtude vivem,
Um palácio celestial é a devida recompensa;
A mim, o bêbado e o mendigo, dai
O templo da uva armazenado de vinho tinto!
Ao lado de um rio senta-te na relva;
Ele flui caindo—assim flui tua vida embora,
Tão docemente, depressa, passa o nosso curto dia—
Rápido, mas suficiente para mim!

Olha para todo o ouro no mercado do mundo,
Para todas as lágrimas que o mundo derramou em vão;
Não satisfarão elas o teu coração sequioso?
Tenho o suficiente de perda, o suficiente de ganho;
Tenho o meu Amor, o que mais posso obter?

Minha é a alegria da sua companhia
Cujo lábio curativo está posto sobre o meu lábio—
Isto é suficiente para mim!

Rogo-te que não envies a minha alma nua
De sua pobre casa para buscar o Paraíso;
Embora o céu e a terra diante de mim Deus desenrole,
De volta à tua aldeia meu espírito ainda voa.
E, Hafiz, à porta de Kismet não jaz
Nenhuma queixa justa—uma mente clara como a água,
Uma canção que cresce e morre no ouvido,
Estas são suficientes para ti!

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA VII

✦

Do jardim do Céu uma brisa do oeste
Sopra pelas folhas do meu jardim da terra;
Com um amor como uma huri eu desfrutaria meu descanso,
E vinho! trazei-me vinho, o dador de alegria!
Hoje o mendigo pode jactar-se de rei,
Seu salão de banquetes é o campo em amadurecimento,
E sua tenda a sombra que as nuvens suaves lançam.

Uma história de abril os prados desvelam—
Ah, tolo é trabalhar como escravo por crédito futuro,
E deixar o dinheiro do presente sem contar!
Constrói um forte com vinho onde teu coração possa desbravar
O assalto do mundo; quando tua fortaleza cair,
O vencedor implacável amassará da tua poeira
Os tijolos que reparam suas paredes em ruínas.

Não confies na palavra daquele inimigo na luta!
Acaso a lâmpada da sinagoga emprestará sua chama
Para acender tuas tochas monásticas?
Bêbado estou, porém não ponhas meu nome
No Livro do Destino, nem passes julgamento sobre ele;
Quem sabe o que o dedo secreto do Fato
Sobre a sua própria testa alva escreveu!

E quando o espírito de Hafiz tiver fugido,
Segue o seu esquife com um tributo de suspiros;
Embora o oceano do pecado se tenha fechado sobre sua cabeça,
Ele poderá encontrar um lugar no Paraíso de Deus.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA VIII

✦

A rosa enrubesceu, o botão desabrochou,
E bêbado de alegria está o rouxinol—
Salve, sufis! amantes do vinho, salvos sejais!
Pois o vinho é proclamado a um mundo sedento.
Como uma rocha vosso arrependimento vos parecia;
Vede a maravilha! de que valeu
A vossa rocha, pois um cálice a fendeu em dois!

Trazei vinho para o rei e para o escravo no portão!
Igualmente para todos o banquete está servido,
E bêbados e sóbrios são aquecidos e alimentados.
Quando a festa termina e a noite vai avançada,
E a segunda porta da taverna se abre amplamente,
Os humildes e os poderosos devem curvar a cabeça
Sob o arco da Vida, para encontrar o que ... do lado de fora?

A menos que tua estrada passe pela aflição,
Ninguém pode alcançar o posto de parada da alegria;
O pacto de Deus: Não sou Eu o Senhor da terra?
O homem selou com um suspiro: Ah sim, infelizmente!
Nem com o É nem com o Não É deixes tua mente contender;
Fica certo de que toda a perfeição de nascimento mortal
No grande Não É por fim terminará.

Pois a pompa de Assaf, e os corcéis do vento,
E a fala dos pássaros, ao vento fugiram,
E aquele que era senhor de todos eles está morto;
Do seu domínio nada resta para trás.
Não meças a tua flecha emplumada em vão!
A distância de um tiro de arco pelo ar ela voou,
E então ... caiu no caminho poento.

Mas a ti, ó Hafiz, a ti, ó Língua
Que fala pela boca do caniço delgado,
Que graças a ti quando teus versos correm
De lábio em lábio, e a canção que cantaste?

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA IX

✦

Ó Escanção, põe meu copo em fogo
Com a luz do vinho! ó minestrel, canta:
O mundo realiza o desejo do meu coração!
Refletido dentro do anel do cálice
Vejo o brilho da bochecha vermelha do meu Amor,
E faltos de engenho, vós que deixais de buscar
Os prazeres que só o vinho pode trazer!

Não se interrompam os blandícias
Que belas esguias esbanjam sobre mim,
Até que no garbo do cipreste enfeitado,
Meu Amor venha como um pinheiro rubro
Não pode perecer aquele cujo coração guarda
A vida que o amor soprou—embora meus dias estejam contados,
No Livro do Mundo vive a minha constância.

Mas quando o Dia do Juízo chegar,
Imagino que pequeno será o ganho
Que advém ao Sheikh por seu alimento lícito,
Ou a mim pelo trago proibido que esgoto.
Os olhos embriagados dos meus companheiros brilham,
E eu também, estendendo a mão para o vinho,
No pescoço da embriaguez afrouxo a rédea.

Ó vento, se passares pelo jardim fechado
Do querido mestre do meu coração, leva por mim
A mensagem que lhe envio, vento que sopras!
"Por que expulsaste da tua memória
Meu infeliz nome?", sussurra baixo em seu ouvido;
"Não sabes tu que o dia está próximo
Em que nem tu nem ninguém pensará em mim?"

Se com lágrimas, ó Hafiz, teus olhos estão molhados,
Espalha-as ao teu redor como grão, e apanha
O Pássaro da Alegria quando vier à tua rede.
Como a tulipa se encolhe com o ar frio da noite,
Assim se encolheu meu coração e estremeceu na sombra;
Ó Pássaro Cantor Fortuna, as armadilhas estão armadas,
Quando tuas asas brilhantes jazerão ali prisioneiras?

O mar verde dos céus e a barca nele,
A delgada barca da lua crescente,
Estão perdidos no meio-dia radiante da tua generosidade,
Vizir e peregrino, Kawameddin!

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA X

✦

Cantor, doce Cantor, espalha notas frescas,
Frescas e de novo, e novas e novas!
Vinho que alegra o coração embebe teus lábios,
Fresco e de novo, e novo e novo!

Saqui, saúdo teus pés radiantes;
Cora com vinho vermelho os cálices pálidos,
Cora nossas pálidas bochechas com tom embriagado,
Fresco e de novo, e novo e novo!

Então com teu amor brincar contigo,
Descansa, ah, descansa! onde ninguém possa ver;
Busca teu deleite, suplica por beijos,
Fresco e de novo, e novo e novo!

Aqui ao redor de tua vida a videira se entrelaça;
Bebe! pois em outro lugar que vinho acharás?
Bebe ao nome dela, às horas que voaram,
Horas sempre frescas e novas e novas!

Ela que roubou meu coração de mim,
Como exerce seu império?
Pinta-se e adorna-se e perfuma-se também,
Fresca e de novo, e nova e nova!

Vento da alvorada que passas,
Apressa-te para a rua da minha fada,
Sussurra a história do fiel Hafiz,
Fresca e de novo, e nova e nova!

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XI

✦

Alegria, Primavera, demorar-se num belo jardim,
Que mais a terra tem para dar? Todos vós que esperais,
Onde está o Copeiro, onde está o frasco?
Quando horas agradáveis escapam da mão do Destino,
Considerai cada hora como um ganho certo;
Quem busca saber o fim do cuidado mortal
Questionará sua experiência em vão.

Tua vida acorrentada pende de um único fio —
Projeta algum conforto para teus males presentes,
Mas aqueles que o tempo trouxer não temerás.
Águas da Vida e o Paraíso de Irem —
Que significado nossos sonhos e pompa transmitem,
Senão que ao lado de um poderoso rio, amplamente nutrido,
Sentamo-nos e cantamos sobre o vinho e seguimos nosso caminho!

O modesto e o alegre serão vistos
A gabar seu parentesco com uma só voz;
Não há diferenças para escolher,
Tu estás apenas lisonjeando tua alma com escolhas!
Quem conhece o segredo da Cortina?... O Céu está mudo!
E no entanto com Aquele que segura a Cortina, até mesmo
Com Ele, ó Fanfarrão, tu erguerias disputa!

Embora Seu servo perca o caminho e erre,
É apenas para lhe ensinar sabedoria através da aflição,
Caso contrário o Perdão e a Misericórdia Compassiva seriam
Apenas sílabas vazias e sem sentido.
O Zelote tem sede de goles do vinho de Kausar,
E Hafiz prefere uma taça terrena —
Mas qual, entre os dois, é o desígnio de Deus?

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XII

✦

Onde está minha vida arruinada, e onde a fama
De nobres feitos?
Olha para a minha longa estrada, e de onde veio,
E para onde leva!

Pode a embriaguez estar ligada à piedade
E à boa reputação?
Onde está a sagrada monodia do pregador,
Onde está o alaúde?

Liberto da cela monástica e das vestes mentirosas,
Ó coração meu,
Onde está o templo da Taverna, o padre da Taverna,
Onde está o vinho?

Dias passados de encontro, que a memória
De vós seja doce!
Para onde fugiram aqueles olhares, e onde para mim
Reprovações convenientes?

O rosto brilhante do amigo não aquece o inimigo
Quando o amor acabou —
Onde está a lâmpada apagada que fazia da noite dia,
Onde está o sol?

Bálsamo para meus olhos o pó, curva minha cabeça
Sobre o teu degrau.
Para onde irei, para onde longe de tua presença? tu
Estás em toda parte.

Não olhes para a covinha do queixo dela,
O perigo espreita ali!
Onde te esconderás, ó coração trêmulo, fugindo em
Tamanha pressa louca — onde?

Pela firmeza e paciência, amigo, não perguntes
Se Hafiz as guarda —
Paciência e firmeza eu esqueci,
E onde está o sono?

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XIII

✦

Dama que tens meu coração em tua mão,
Não me dás ouvidos; e se virares teu ouvido
Aos sábios, não entenderás —
Eis que a culpa é tua, nossas palavras eram claras.
Por todo o tumulto em meu cérebro embriagado
Louvado seja Deus! que não prova Seu servo em vão;
Nem este mundo nem o próximo me farão temer!

Meu coração cansado guarda silêncio eterno —
Não sei quem deslizou para dentro do meu coração;
Embora eu esteja silencioso, alguém dentro de mim chora.
Minha alma rasgará o véu pintado.
Onde estás, Menestrel! toca tuas cordas mais tristes
Até que, vestida da música que a dor canta,
Minha história lamentável brote de tua cítara.

Eis que em momento algum emprestei meu ouvido
Para escutar as glórias da terra;
Apenas tua beleza era cara aos meus olhos.
O sono me abandonou, e desde o nascimento
Da noite até o dia teço brilhantes sonhos contigo;
Embriagado com cem noites de folia,
Onde está a taverna que oferece tamanha alegria!

Meu coração, triste eremita, mancha o chão do claustro
Com gotas de sangue, o suor de terrível angústia;
Ah, lava-me e limpa-me, e sobre meu corpo derrama
O vinho generoso do amor! os adoradores do fogo
Curvaram-se e magnificaram meu nome,
Pois em meu coração queima uma chama viva,
Transpassando a porta impenetrável da Morte.

Que instrumento ressoou no silêncio da noite passada?
Minha vida na sua canção o menestrel teceu,
E encheu meu cérebro com a doce canção que cantou.
Foi a proclamação do teu amor
Que sacudiu as cordas da lira mais secreta da Vida,
E ainda meu peito arfa com o desejo da noite passada,
Pois incontáveis ecos daquela música brotaram.

E desde sempre, desde o tempo em que Hafiz ouviu
A voz de sua Dama, como de uma colina rochosa
Reverbera a palavra suavemente dita,
Assim ecos de desejo enchem seu peito.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XIV

✦

O rouxinol com gotas do sangue do seu coração
Havia nutrido a rosa vermelha, então veio um vento,
E agarrando os ramos com inveja,
Cem espinhos ao redor do seu coração entrelaçou.
Como o papagaio a triturar açúcar, bom
Parecia o mundo para mim que não pude deter
O vento da Morte que varreu minhas esperanças.

Luz dos meus olhos e colheita do meu coração,
E meu ao menos na memória imutável!
Ah, quando ele achou fácil partir,
Deixou a peregrinação mais difícil para mim!
Ó Cameleiro, embora as cordas arrebentem,
Pelo amor de Deus ajuda-me a erguer minha carga caída,
E a Piedade seja minha companheira de viagem!

Meu rosto está marcado de pó, meus olhos estão molhados.
De pó e lágrimas o firmamento turquesa
Amassa os tijolos para a morada da alegria; e contudo ...
Ai de mim, e chorando ainda faço lamentações!
Porque a lua lançou seus olhares ciumentos
Sobre as sobrancelhas arqueadas da minha lua,
Ele buscou morada no túmulo — cedo demais!

Eu não tinha feito o roque, e o tempo se foi.
O que jogarei? Sobre o tabuleiro xadrez
Da Noite e do Dia, a Morte venceu o jogo — desolado
E despreocupado agora, Hafiz não pode perder mais nada.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XV

✦

Volta! para que a um coração tão gravemente ferido
A coragem e a força possam entrar; volta!
E a Vida pausará na porta deserta,
O corpo frio e morto respirará de novo e arderá.
Ó vem! e toca meus olhos, por tua doce graça,
Pois estou cego para tudo exceto para o teu rosto.
Abre os portões e manda-me ver mais uma vez!

Como um cruel bando etíope,
A dor despojou o reino do meu coração —
Volta! alegre Senhor de Roma, e liberta a terra;
Diante de tuas armas o inimigo se quebrará e dispersará.
Vê agora, seguro um espelho diante dos meus olhos,
E nada além do teu reflexo jaz ali;
O vidro fala a verdade àqueles que entendem.

A noite está grávida, não ouviste os homens dizerem?
“A noite está grávida! o que ela dará à luz?”
Sento-me e pergunto às estrelas quando estás longe.
Ó vem! e quando o rouxinol da alegria
Cantar no jardim despertado pela Primavera,
No coração de Hafiz ressoará um som mais doce,
Rouxinóis mais divinos afinarão seu canto.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XVI

✦

O que é forjado na forja dos vivos e da vida —
Todas as coisas são nada! Ei! enche-me a taça,
Pois nada são os bens do mundo e a luta!
Uma paixão vivificou o coração e a alma,
A presença da Amada apenas eles buscaram —
O Amor ao menos existe; contudo, se o Amor não existisse,
Coração e alma afundariam no destino comum —
Todas as coisas são nada!

Como uma taça vazia é o destino de cada um,
Que cada um deve encher da poderosa torrente da Vida;
Nada é teu trabalho, embora alcances a porta do Paraíso,
Se Outro encheu tua taça com sangue;
Nem a sombra das árvores de doces frutos poderia ser comprada
Por tuas orações — ó Cipreste da Verdade, não vês
Que Sidreh e Tuba eram nada, e para ti
Tudo então era nada!

A duração da tua vida é como cinco curtos dias,
Horas breves e velozes neste pouso;
Descansa suavemente, ah descansa! enquanto a Sombra se demora,
Pois o próprio Tempo é nada e a face do relógio.
Na borda do Esquecimento nos demoramos, e curto

É o caminho do Lábio à Boca por onde passamos —
Enquanto o momento é teu, enche, ó Saqui, o copo
Antes que tudo seja nada!

Considera a rosa que desabrocha em flor,
Nem se lamenta embora murche e morra —
Os poderes do mundo duram por uma hora,
Mas nada restará de sua majestade.
Não estejas tão certo de tua coroa, tu que pensaste
Que a virtude era fácil e a recompensa tua;
Do mosteiro às portas da taverna de vinho
O caminho é nada!

E daí se eu também provei o sal de minhas lágrimas,
Embora eu também tenha queimado nos fogos da dor,
Gritarei bem alto para ouvidos desatentos?
Lamenta e cala-te! nada traz alívio.
Tu, Hafiz, és louvado pelas canções que fizeste,
Mas levando um nome manchado ou honrado,
Os amantes do vinho farão pouco de tua fama —
Todas as coisas são nada!

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XVII

✦

Não ponhas a culpa à porta do bêbado
Ó Fanático, tu que és puro de alma;
Não é teu dever na página da vida registrar
As faltas dos outros! Mais ou menos
Eu me desviei do meu caminho — guarda tu o teu!
Pois todo homem quando alcança a meta
Colherá a colheita que suas mãos semearam.

Deixa-me a esperança de uma graça anterior —
Até que a cortina seja erguida ninguém pode dizer
Se no Céu ou no Inferno mais profundo,
Belo ou vil, aparecerá seu rosto.
Tanto o bêbado quanto o de hábitos estritos
Por sua amada anseia — na mesquita o Amor habita
E na igreja, pois sua morada está em toda parte.

Se fora da casa de devoção me encontro,
Não sou o primeiro a escancarar a porta;
Meu pai a abriu muito antes,
O Paraíso eterno escapou de sua mão.
Todos vós que interpretais mal a intenção das minhas palavras,
Deito-me sobre os tijolos do chão da taverna,
E um tijolo me servirá de argumento.

O jardim do Céu futuros tesouros pode render —
Ah, aproveita ao máximo o tesouro da terra!
A sombra trêmula do salgueiro,
E a borda coberta de relva do campo fértil.
Não meça a confiança em atos — o Dia Eterno
Revelará a sentença do Criador sobre ti;
Mas até lá, o que Seu dedo escreveu, quem pode dizer.

Traze a taça em tua mão ao Tribunal de Julgamento;
Tu subirás, ó Hafiz, até a porta do Céu
Da taverna onde tardaste até tarde.
E se adoraste o vinho, tu encontrarás
A recompensa que os Fiéis alcançam;
Se tal foi tua vida, então não temas teu destino,
Tu não terás vivido e adorado em vão!

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XVIII

✦

Escravos dos teus olhos brilhantes são até mesmo aqueles
Que usam diademas de poder e império;
Embriagados com o vinho que do teu lábio vermelho flui,
Estão aqueles que até o deleite da uva renunciam.
Vaga, como o vento através de um canteiro de violetas,
Diante dos teus muitos amantes, chorando baixinho,
E vestidos como violetas em azuis mantos de aflição,
Que sentem teu cabelo ao vento e curvam a cabeça.

Teu mensageiro o sopro da alvorada, e o meu
Uma corrente de lágrimas, já que amante e amado
Não guardam seu segredo; através dos meus versos brilha,
Embora outras canções a graça da minha flor tenham provado
E incontáveis rouxinóis tenham cantado teu louvor.
Quando velada sob teus cachos passas, vê,
À direita e à esquerda aqueles que te acolhem
Trocaram paz e descanso para contemplar-te!

Mas tu que conheces a Deus de cor, vai-te!
Ébrios de vinho, ébrios de amor, herdamos o Paraíso,
Sua misericórdia é para os pecadores; vai daqui e ora
Onde o vinho tinge tua bochecha vermelha como o vermelho arghavan,
E deixa a cela para rostos sinistros.

Ó Khizr, cujos pés felizes se banharam na fonte da vida,
Ajuda quem labuta a pé — os cavaleiros montam
E se apressam em seu caminho; eu mal posso me mover.

Ah, não me soltes! ah, não libertes Hafiz
Do cativeiro do teu cabelo reluzente!
Salvos apenas aqueles, salvos e em liberdade,
Que firmemente acorrentados em teus caracóis entrelaçados estão.
Mas da imagem de sua bochecha coberta de pó
Aprende isto com Hafiz: as cabeças mais orgulhosas se curvarão,
E os moradores do umbral de um amigo
Serão coroados com o pó que coroa os humildes.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XIX

✦

Que embriaguez é esta que me traz esperança—
Quem era o copeiro, e de onde veio o vinho?
Aquele minestrel cantando com plena voz divina,
Que canto era o dele? pois em meio à corda tecida
Da canção, ele me trouxe recado do meu Amigo
Ajustado à sua melodia.

O próprio vento levou alegria a Salomão;
O abibe voou dos arredores do jardim de Sabá,
Trazendo boas-novas de sua rainha e da rosa.
Toma a taça e vai onde os prados cobrem
A planície, para onde o pássaro de garganta afinada
Trouxe a nota mais doce da Primavera.

Bem-vinda, ó rosa, e eglantina em plena flor!
As violetas lançam sua perfumada alegria,
O jasmim respira pureza—estás entristecido
Como um botão fechado, ó coração meu?
O vento da alvorada que liberta os botões fechados
Traz seus ares quentes a ti.

Saki, teu beijo calará meu grito amargo!
Levantai vossas cabeças curvadas de dor, todos vós que chorais,
O Curador traz a taça de vinho da alegria—ó, bebei profundamente!

Discípulo do sacerdote da Taverna sou eu;
O piedoso Sheikh pode prometer a ventura futura,
Ele me leva para onde está a alegria.

Os olhares gananciosos de uma horda tártara
Pareceram-me bondosos—meu inimigo não me poupou
Embora uma pobre veste fosse tudo o que eu tinha.
Mas o Céu serviu a Hafiz, como um escravo ao seu senhor,
E quando ele fugiu por regiões desoladas,
O Céu o trouxe à tua porta.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XX

✦

Vindo da rua de Fulana,
Ó vento, traze doces perfumes para mim!
Pois estou doente e pálido de dor;
Ó, traze-me descanso da miséria!
A poeira que jaz diante da porta dela,
Elixir do amor há muito desejado, derrama
Sobre este meu coração desgastado—
Traze-me uma promessa e um sinal!

Entre a emboscada dos meus olhos
E a fortaleza do meu coração há inimizade—
O arco de sua sobrancelha, o dardo que voa,
Sob seus cílios, traze para mim!
Tristeza e ausência, olhares frios,
Antes da minha hora me envelheceram;
Uma taça de vinho da mão da Juventude
Traze-me por compaixão e piedade!

Então todos os infiéis provarão
Um gole ou dois desse mesmo vinho;
Mas se não gostarem, ó, apressa-te!
E deixa que a taça transbordante da alegria seja minha.
Copeiro, agarra o dia de hoje, não esperes

Até amanhã!—ou do Destino
Algum passaporte para a felicidade,
Alguma garantia escrita traze para mim!

Meu coração tirou o véu da dor,
Consolado pela melodia de Hafiz:
Vindo da rua de Fulana,
Ó vento, traze doces perfumes para mim!

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XXI

✦

Nem toda a soma da felicidade terrena
Vale a cabeça curvada de um momento de dor,
E se eu vender por vinho minha veste de dervixe,
Vale mais do que o que vendo aquilo que ganho!
Terra onde minha Senhora habita, tu me manténs
Acorrentado; senão Fars seria apenas um solo estéril,
Não valendo a viagem por terra e mar,
Não valendo o esforço!

Lá no bairro onde vendem vinho tinto,
Meu sagrado tapete mal valeria uma taça—
Que belo penhor de piedade é o meu,
Que não vale um cálice espumante!
Meu inimigo acumulou desprezo sobre mim e disse:
"Fora da porta da taverna!" Por que sou expulso
Do limiar? Será que minha cabeça caída
Não vale a poeira?

Lava até esbranquiçar essa tua triste veste manchada de viagem!
Onde a palavra e a ação têm a mesma cor,
A bela veste púrpura da uva eclipsará
Teus trapos multicoloridos e trajes esfarrapados.
Muito fácil parecia a dor do mar

Aliviada pela esperança do ganho—a esperança voou rápido demais!
Cem pérolas seriam uma fraca indenização,
Não valendo a tempestade.

A coroa do Sultão, cravada de joias inestimáveis,
Envolve o medo da morte e o pavor constante;
É um adorno de cabeça muito desejado—e porém
Tens certeza de que vale o perigo para a cabeça?
Seria melhor para ti esconder teu rosto daqueles
Que anseiam por ti; a recompensa do Conquistador
Nunca vale as longas dores do exército,
Vale o fogo e a espada.

Ah, busca o tesouro de uma mente em paz
E guarda-o no tesouro do Sossego;
Não valem um coração leal, um peito tranquilo,
Todas as riquezas de tuas terras e mares!
Ah, despreza, como Hafiz, os deleites da terra,
Não peças nem um grão de favor aos vis,
Duzentos sacos de joias não valeriam
A desgraça da tua alma!

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XXII

✦

A rosa não é bela sem o rosto da amada,
Nem alegre a Primavera sem o doce riso do vinho;
O caminho pelos campos, e os ventos de um lugar salpicado de flores,
Sem a sua bochecha radiante, que brilha como uma bela tulipa,
Nem os ventos soprando suavemente, nem os campos cheios de trigo, são belos.

E lábios como o açúcar, graça como uma flor que balança,
Não são nada sem muitos beijos e doces carícias;
Se milhares de vozes não cantassem o louvor da rosa,
A alegria do cipreste ao saudar seu botão que se abre,
Nem a dança dos ramos nem a rosa em flor seriam belas.

Embora pintados pelos dedos mais hábeis, quadro algum agrada
A menos que a imagem da amada esteja nele desenhada;
O jardim e as flores, e o cabelo fluindo solto ao vento,
A menos que eu possa lutar e alcançar o lado de minha Senhora,
Nem jardim, nem flores, nem cachos soltos ao vento são belos.

Viste em uma festa de casamento, quando a alegria é grande,
Os festesteiros espalharem ouro com mão descuidada?
O ouro do teu coração, ó Hafiz, jaz desprezado,
Sem que teu amor seja digno de ser lançado por um bando embriagado
Aos pés daquela que é mais bela do que tudo o que é belo.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XXIII

✦

Minha senhora, que transformou esta minha casa
Em um céu quando nela habitava,
Da cabeça aos pés a graça divina de um anjo
A envolvia; pura ela era, sem mancha de pecado;
Belo como a lua o seu semblante, e sábio;
Senhores do olhar bondoso e terno, seus olhos
Com uma abundância de beleza brilhavam.

Então disse meu coração: Aqui tomarei meu descanso!
Esta cidade respira o amor dela em cada parte.
Mas a um destino distante ela estava destinada,
Ai! ele não o sabia, ai, pobre coração!
A influência de alguma estrela fria e maligna
Soltou minha mão que a segurava, só e distante
Viaja aquela que repousava sobre meu peito.

Não apenas ela ergueu o véu do meu peito,
Revelou seu segredo mais íntimo, mas a sua graça
Puxou a cortina das pálidas moradas do Céu,
E deu-lhe ali uma morada eterna.
A margem do rio repleta de flores e os belos prados,
A própria rosa eram apenas tesouros passageiros,
O desgosto e o Inverno seguem em seu rastro.

Preciosos foram os dias que pereceram com minha amiga—
Ah, o que resta da vida, agora que ela está morta,
Sem sabedoria e sem proveito eu gasto!
O rouxinol derrama o próprio sangue de sua vida,
Quando, aos beijos do vento, a manhã
Desvela o esplendor da rosa—com seu peito rasgado
E ciumento ele tinge de vermelho as pétalas dela.

Porém perdoa-lhe, ó Coração, pois pobre eras tu,
Um humilde dervixe no caminho poento;
Coroada com a coroa do império estava a fronte dela,
E nos reinos da beleza ela governava.
Mas toda a alegria que a mão de Hafiz podia segurar,
Jazia nas contas que de manhã e à noite ele contava,
Gastas com o louvor de Deus; e vê! ele a segura agora.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XXIV

✦

Ninguém está cheio de uma loucura como a minha
Em todas as tavernas! minha veste suja jaz aqui,
Ali meu livro negligenciado, ambos empenhados por vinho.
De poeira meu coração está coberto, ele que deveria ser límpido,
Um espelho para refletir o rosto do Grande Rei;
Um raio de luz de Tua morada
Para perfurar minha noite, ó Deus! e me aproximar.

Dos meus olhos até a barra de minha veste
Um rio flui; talvez meu cipreste
Ao lado desse tronco possa erguer seu haste alto,
Regando suas raízes com lágrimas. Ah, traze-me
O recipiente de vinho! já que a bochecha do meu Amor está oculta,
Uma inundação de dor vem do meu coração sem ser chamada,
E transforma meus olhos em um mar amargo!

Não, pela mão que me vende vinho, eu juro
Que a taça cheia não mais tocará meus lábios,
Até que minha senhora com sua fronte radiante
Adorne meu banquete—até que o segredo do Amor escape
Dela, como da língua de chama da vela,
Embora eu, a mariposa chamuscada, por pura vergonha,
Não me atreva a exaltar a luz do Amor sem eclipse.

Vinho tinto eu adoro, e adoro a ela!—
Não me fales de nada ademais,
Pois com nada mais na terra ou no céu me importo.
Que importa que as orgulhosas flores de narciso desafiassem
Teus olhos brilhantes para provarem que são mais luminosos,
Ainda assim não lhes dês ouvidos! aqueles de visão clara
Não seguem aqueles a quem toda a luz é negada.

Diante da porta da taverna um cristão cantava
Ao som da flauta e do tambor, enquanto a terra
Aguardava a alvorada branca, e alegremente soaram
Em meu ouvido aqueles mensageiros da alegria:
"Se a Fé Verdadeira for como dizes,
Ai! meu Hafiz, que este doce Hoje
Venha a dar à luz o desconhecido Amanhã!"

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XXV

✦

Os dias de ausência e as noites amargas
De separação, todos chegaram ao fim!
Onde está a influência da estrela que destrói
Minha esperança? O presságio responde: Chegou ao fim!
A abundância do Outono, a alegria rastejante do Outono,
Estão terminadas e esquecidas quando sobre a terra
O vento da Primavera com pés suaves e quentes caminha.

O Dia da Esperança, oculto sob o véu da Tristeza,
Mostrou seu rosto—ah, gritai para que todos ouçam:
Vinde para fora! os poderes da noite não mais prevalecem!
Louvado seja Deus, agora que a rosa está próxima
Com sua grinalda flamejante e há muito desejada,
Os espinhos cruéis e pungentes todos os homens esquecem,
O vento do Inverno termina sua orgulhosa carreira.

A longa confusão das noites que se foram,
A angústia que habitava no meu coração, acabou;
Sob a proteção dos cabelos de minha senhora
Dor nem inquietação chegam mais a mim.
Que importa se os cachos dela causaram toda a minha miséria,
O gracioso rosto de minha senhora pode me consolar,
E no final dar aquilo por que choro.

De coração leve deixe-me ir à taverna,
Onde ri a flauta, os pratos alegres se beijam;
Sob a história de toda a minha dor,
Minha senhora põe sua mão e escreve: Finis.
Ó, não te demores, nem confies nos dias inconstantes
Que prometeram: Onde estás tua senhora permanece—
A história da separação termina com isto!

O caminho certo da alegria, ó Saki, tu mostraste—
Que tua taça esteja cheia por muito tempo, teus dias sejam belos!
A aflição e a doença voaram do meu peito,
Ordem e saúde tua sabedoria ali organiza.
Ninguém contou o nome de Hafiz entre
Os grandes—inumeráveis foram suas lágrimas, não cantadas;
Louvai aquele que põe um fim ao cuidado sem fim!

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XXVI

✦

O gole secreto de vinho e o amor reprimido
São alegrias sem fundamento—então venha o que
Vier, escravo da uva me confesso!
Desata, ó amigo, o nó do cuidado do teu coração,
Apesar do aviso que os Céus revelam!
Por mais que pense, nunca houve astrônomo
Que desatasse o nó do Destino que esses Céus ocultam!

Nem todas as mudanças que teus dias revelam
Despertarão tua admiração; a esfera giratória do Tempo
Sobre mil vidas como a tua rolou.
Essa taça entre teus dedos, não ouves
As vozes de reis mortos falarem através da argila?
Kobad, Bahman, Djemshid, a poeira deles está aqui,
"Suavemente sobre mim pousa teus lábios!", dizem eles.

Que homem pode dizer para onde foram Kaus e Kai?
Quem sabe onde até agora o vento inquieto
Espalha a poeira do trono imperial de Djem?
E onde a tulipa, seguindo logo atrás
Dos pés da Primavera, ergue seu cálice escarlate,
Ali Ferhad por amor a Shirin minguou,
Tingindo o deserto de vermelho com as lágrimas do seu coração.

Traze, traze a taça! bebamos enquanto ainda podemos
Para a ruína de nossa alma o gole proibido;
Talvez um tesouro escondido esteja oculto
Entre aquelas ruínas onde o vinho riu!—
Talvez a tulipa conheça a inconstância
Do sorriso da Fortuna, pois na haste verde do seu caule
Ela carrega uma taça de vinho pelo deserto.

O riacho murmurante de Ruknabad, a brisa
Que sopram dos belos encantos de Mosalla,
Chamam-me de volta quando quero buscar o alívio do coração,
Viajando para longe; que importa se o semblante do Amor
Estiver voltado muito severo e triste para mim,
Não me importo, contanto que o olhar hostil do Tempo
Permaneça desviado da beleza de minha Senhora.

Como Hafiz, esvazia o cálice alegremente
Enquanto minestreis tocam o alaúde e cantam docemente,
Pois tudo o que faz teu coração se alegrar em ti
Pende do único, esbelto e sedoso fio da Vida.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XXVII

✦

Minha amiga fugiu! ai, minha amiga fugiu,
E nada me deixou senão lágrimas e dor!
Como fumaça sobre uma chama levada pelo vento,
Assim subiu ela de meu peito e apressou-se para fora.
Bêbado de desejo, tomei a taça divina do Amor,
Mas aquela que a segurava derramou o amargo vinho
Da Separação nela e fugiu.

Ela, a caçadora, e eu, a presa indefesa;
Ferido e doente, ao meu redor ela armou seus laços,
Meu coração num mar de tristeza lançou,
Amarrou as cargas de seus camelos e fugiu.
De bom grado eu teria armado uma emboscada para sua alma,
Ela viu e desapareceu, e o tímido potro,
A Boa Sorte, soltou a rédea e não quis ficar.

Meu coração era estreito demais para a minha dor,
E lágrimas de sangue meus olhos chorosos derramaram,
Um fluxo carmesim pelo deserto correu,
Surgindo do transbordo do meu triste coração.
Ela não sabia o que o menor escravo do Amor pode dizer:
"É doce servir!", mas lançou-me um Adeus,
Beijando meu umbral, virou-se e gritou: "Eu vou!"

Na alvorada clara, antes que o leste ficasse vermelho,
Antes que a rosa tivesse rasgado seu véu em dois,
Um rouxinol pelo jardim de Hafiz voou,
Demorou-se apenas para encher seu canto de lágrimas, e fugiu.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XXVIII

✦

Esqueceste-te de quando teu olhar furtivo
Voltou-se para mim, quando em meu rosto feliz
Claramente teu amor estava escrito, o que aumenta
Toda a felicidade? ou quando minha dolorosa desgraça
(Esqueceste-te?) atraiu dos teus olhos a repreensão,
E fez-te manter afastados teus doces lábios vermelhos,
Dotados, como o sopro de Jesus, de graça curativa?

Esqueceste-te de como as gloriosas
E rápidas noites voaram, a taça da alvorada cheia transbordando?
Meu amor e eu sozinhos, Deus nos favorecendo!
E quando ela como uma lua minguante se deitava,
E o Sono tinha puxado sua touca sobre sua fronte,
Esqueceste-te? A lua crescente do Céu inclinaria
A cabeça, e a seu serviço percorria o céu!

Esqueceste-te, quando forasteiro
Dentro dos portões da taverna e bêbado de vinho,
Encontrei a sabedoria apaixonada do Amor ali escondida,
Que na mesquita ninguém até agora adivinha?
O carbúnculo da taça (esqueceste-te?)
Riu em voz alta, e a fala voou quente
E rápida entre teus lábios de rubi e os meus!

Esqueceste-te de quando a querida tocha da tua face
Acendeu o farol do desejo em mim,
E quando meu coração, como mariposas tolas que queimam
Suas asas e ainda assim retornam, voltou-se todo para ti?
Dentro do salão de banquetes da Boa Reputação
(Esqueceste-te?) o próprio vinho defendeu meu pedido,
E encheu a manhã de alegria embriagada!

Esqueceste-te de quando dispuseste corretamente
As gemas brutas do pensamento mais íntimo de Hafiz,
E lado a lado teu doce cuidado enfileirou o brilhante
Arranjo de verso sobre verso — esqueceste-te?

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XXIX

✦

De Canaã José retornará, cujo rosto
Por um pouco de tempo esteve oculto: não chores mais —
Oh, não chores mais! na morada da tristeza
As rosas ainda brotarão do chão despido!
E coração curvado sob uma dor secreta —
Oh coração aflito! a alegria retornará outra vez,
Paz ao cérebro agitado pelo amor — oh, não chores mais!

Oh, não chores mais! pois mais uma vez a Primavera da Vida
Assentar-se-á em trono nos prados verdes, e sobre
Sua cabeça o trovador da noite lançará
Um dossel de folhas de rosa, dezenas sobre dezenas.
O segredo do mundo não aprenderás,
E porém atrás do véu o fogo do Amor pode arder —
Choras? deixa a esperança retornar e não chores mais!

O hoje pode passar, o amanhã passar, antes
Que a roda giratória me dê o desejo do meu coração;
O próprio Céu mudará, e não girará para sempre
A roda universal do Destino em ira.
Oh Peregrino aproximando-te do templo sagrado de Meca,
O espinhoso maghilán fere-te em vão,
O deserto floresce novamente — oh, não chores mais!

Que importa se o rio da mortalidade
Ao redor da casa instável da Vida ruge,
Não chores, oh coração, Noé te pilotará,
E guiará tua arca para a praia desejada!
O objetivo jaz longe, e perigoso é o teu caminho,
No entanto cada caminho leva àquela mesma morada
Onde deixarás tua carga — oh, não chores mais!

Meus inimigos me perseguiram,
Meu Amor se virou e fugiu da minha porta —
Deus conta nossas lágrimas e conhece nossa miséria;
Ah, não chores! Ele ouviu teu doloroso choro.
E acorrentado na pobreza e mergulhado na noite,
Oh Hafiz, toma teu Alcorão e recita
Ladainhas infinitas, e não chores mais!

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XXX

✦

Salve, Shiraz, salve! oh lugar sem igual!
Que Deus seja o Vigia diante do teu portão,
Para que os pés da Desgraça não entrem aqui!
Para que meu Ruknabad não fique desolado,
Cem vezes, “Deus nos livre!”, eu oro;
Seu límpido ribeiro onde as sombras esperam
Como a fonte de Khizr dá vida para sempre.

Entre Jafrabad e o recinto de Mosalla
Voa o vento do norte carregado de âmbar cinzento —
Oh, vem a Shiraz quando o vento do norte sopra!
Ali habita a paz do anjo Gabriel
Com aquele que é senhor de seus tesouros; a fama
Do açúcar do Egito desvanecerá e cessará,
Pois o sopro de nossas belezas a envergonhou.

Oh vento que sopra do nascer do sol,
Que notícias da donzela com os olhos embriagados,
Que notícias da bela donzela tu trazes?
Não me peças para acordar do meu sonho e me levantar,
Nos sonhos descansei minha cabeça a seus pés —
Quando a quietude ininterrupta ao meu redor jaz,
A visão dela torna minha solidão doce.

Se por vinho o Escanção derramar meu sangue,
Como o leite do peito de uma mãe flui,
A sua palavra meu coração renda seu fluxo carmesim.
Mas, Hafiz, Hafiz! tu és daqueles
Que para sempre temem que a ausência esteja próxima;
Pelos dias em que mantiveste a Amada junto a ti,
Por que não surgem teus agradecimentos para que todos possam ouvir?

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XXXI

✦

O sopro do vento da Alvorada que espalha almíscar soprará,
O mundo antigo voltará à juventude de novo,
E outros vinhos do cálice da Primavera fluirão;
Vermelho-vinho, a árvore-de-judas colocará diante
Do jasmim branco puro uma taça transbordante,
E as anêmonas erguerão seu cálice escarlate
Para o narciso pálido como estrela adorar.

A longa tirania da dor passará,
A separação terminará em encontro, o lamento
Do triste pássaro que cantava "Ai, ai!"
Alcançará a rosa em sua tenda de cortinas vermelhas.
Fora da mesquita! a taverna chama por mim!
Querias nos impedir? A homilia do pregador
É longa, mas a vida em breve terá se esgotado!

Ah, Coração tolo! os prazeres do Hoje,
Se tu abandonares, o Amanhã estará
Como teu fiador pelo ouro que jogaste fora?
Em Sha'aban as tropas da Dor se dispersam,
E coroam as horas com a coroa vermelha do vinho —
O sol da alegria em pouco tempo se porá,
E o magro Ramazan está muito próximo!

Querida é a rosa — agora, agora proclama suas doçuras,
Enquanto as pétalas roxas ainda se ruborizam e desabrocham;
Por aqui, caminho da Primavera abaixo ela veio,
E pelo caminho do Outono ela irá.
Agora, enquanto escutamos, Trovador, afina tua canção!
Tu mesmo disseste: "O Presente esgueira-se;
O Futuro vem, e trazendo — o quê? Sabes?"

Convocado por tua melodia Hafiz levantou-se
Da escuridão perto dos teus lábios para habitar;
De volta à escuridão de novo seu caminho jaz —
Canta bem alto, canta claro, e cantando grita: Adeus!

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XXXII

✦

Sobre um ramo da reta cipreste
Mais uma vez o paciente rouxinol descansa:
“Oh Rosa!”, ele grita, “o mal seja afastado de ti!
Canto-te os agradecimentos de todos os homens; tu floresces
E a esperança surge em cada coração sem alegria —
Não deixes o rouxinol lamentar à parte,
Nem com teus orgulhosos espinhos firas seu peito fiel.”

Não lamentarei meu triste banimento,
Aquele que ansiou pelo rosto de sua senhora
Conhecerá, quando ela vier, um grande contentamento.
O Zelote busca uma morada celestial,
Huris para acolhê-lo no Paraíso;
Aqui no portão da taverna jaz o meu céu,
Não preciso de nenhum acolhimento senão a graça da minha senhora.

Melhor beber vinho vermelho do que lágrimas, digo eu,
Enquanto o alaúde canta; e se alguém te mandar parar,
“Deus é o misericordioso!”, responderás.
Para alguns, a vida traz apenas alegria e facilidade infinita;
Ah, deixa-os rir, embora a piada seja vã!
Para mim a fonte do prazer jazia na dor,
E chorando por minha senhora encontrei paz.

Hafiz, por que estás sempre contando de novo
A história da ausência e da noite da dor?
Não sabes que a separação vai antes
De todo encontro, e da escuridão vem a luz!

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XXXIII

✦

A jóia do tesouro secreto
Ainda é a mesma de outrora; o selo
Sobre o cofre de tesouro do Amor, e a chave,
Ainda são o que os ladrões não podem quebrar nem roubar;
Ainda entre os amantes a lealdade é encontrada,
E por conseguinte olhos fiéis ainda espalham pelo chão
As mesmas pérolas que os meus uma vez espalharam por ti.

Interroga os ventos errantes e saberás
Que desde o crepúsculo até a alvorada despontar,
Minha consolação é que eles ainda sopram
O perfume dos teus caracóis pela minha face.
Um dardo das tuas sobrancelhas curvadas me feriu —
Ah, vem! meu coração ainda espera sem remédio,
Esperou sempre, até que cures sua dor.

Se buscadores de rubis não houvesse,
Ainda às minas escuras onde as gemas jaziam
Penetraria, como costumava, o sol radiante,
Pondo as pedras em chamas. Esconderias a mancha
Do sangue do meu coração? Vermelho-sangue o rubi brilha
(E de onde veio meu peito ferido sabe)
Sobre teus lábios para mostrar o que fizeste.

Não deixes teus caracóis emboscarem minha alma peregrina,
Como fazem os ladrões, e não me saqueies mais!
Anos se juntam ao ano morto, mas teu domínio extorsivo
Ainda é o mesmo, impiedoso como antes.
Canta, Hafiz, canta de novo sobre olhos que choram!
Pois ainda a fonte das nossas lágrimas é profunda
Como outrora era, e ainda de lágrimas está cheia.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XXXIV

✦

Na noite passada sonhei que anjos estavam do lado de fora
Da porta da taverna, e batiam em vão, e choravam;
Tomaram o barro de Adão, e, pareceu-me,
Moldaram uma taça com ele enquanto todos os homens dormiam.
Oh habitantes dos salões da Castidade!
Vós trouxestes o vinho vermelho e apaixonado do Amor para mim,
Até ao pó em que estou, vossos pés brilhantes pisaram.

Pois o próprio Céu era fraco demais para suportar
O fardo do Seu amor que Deus colocou sobre ele,
Ele se voltou para buscar um mensageiro em outro lugar,
E no Livro do Destino meu nome foi escrito.
Entre meu Senhor e mim tal concórdia jaz
Que faz as Huris felizes no Paraíso,
Com cantos de louvor pelas clareiras verdes elas esvoaçam.

Cem sonhos do celeiro da Imaginação
Me assaltam — o Pai Adão desviou-se
Tentado por um único e pobre grão de trigo! Por isso
Absolve e perdoa aquele que se desvia
Embora o suave sopro da Verdade alcance seus ouvidos,
Pois setenta e dois credos dissonantes ele ouve,
E a Fábula de voz alta o chama incessantemente.

Essa, essa não é a chama do verdadeiro fogo do Amor
Que faz as sombras da luz da tocha dançarem em círculos,
Mas onde a radiância atrai o desejo da mariposa
E a envia com asas queimadas e caídas.
O coração daquele que habita recolhido se quebrará,
Lembrando-se de um sinal negro e de uma face vermelha,
E sua vida se esgotará, minada em suas fontes secretas.

No entanto, desde o tempo mais remoto em que o homem buscou
Pentear as tranças da Fala, sua bela esposa,
Ninguém, como Hafiz, do rosto do Pensamento
Rasgou o véu da Ignorância.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XXXV

✦

Não te esqueças de quando caro amigo a amigo retornava,
Não te esqueças dos dias passados, não os esqueças!
Minha boca provou a amargura, e aprendeu
A beber a taça envenenada da sorte mortal;
Não te esqueças de quando uma bebida mais doce era minha,
Altos surgiam os cantos daqueles que bebiam aquele vinho —
Não os esqueças!

Não te esqueças dos amantes leais há muito mortos,
Embora a fé e a lealdade devam ser esquecidas,
Embora a terra cubra a cabeça enamorada,
E no pó a sabedoria e a paixão apodreçam.
Meus amigos me expulsaram de sua memória;
Em vão milhar de milhares de vezes eu grito:
Não me esqueças!

Cansado me volto para meus grilhões de novo.
Uma vez houve mãos fortes para me libertar,
Não te esqueças de quando quebraram a corrente de um pobre escravo!
Embora dos meus olhos lágrimas fluam ininterruptamente,
Penso naqueles cujos jardins de rosas estão postos
Ao lado do Zindeh Rud, e me esqueço
Da miséria da vida.

A dor fez seu covil no meu peito,
E imperturbada ela jaz — não te esqueças daqueles
Que a expulsaram como a uma fera caçada!
Hafiz, tu e tuas lágrimas sereis esquecidos,
Tranca bem os portões do teu triste coração! Mas aqueles
Que detinham a chave das tuas dores não ditas —
Não os esqueças!

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XXXVI

✦

Amado, quem te mandou não mais perguntar
Como vai minha vida? Fazer o papel de inimigo
E não perguntar onde mora aquele que era teu amigo?
Tu és o sopro de misericórdia a passar
Por todo o vasto mundo, e o ofensor sou eu;
Ah, deixa acabar a fenda que minhas lágrimas cavaram,
Não questiones mais o passado!

Se quiseres saber o segredo do fogo do Amor,
Ele se manifestará diante dos teus olhos:
Pergunta à chama da tocha que queima firmemente,
Mas não perguntes mais ao coral caprichoso do doce vento.
Pergunta-me sobre a fé e o amor que nunca morrem;
Dario, a soberania de Alexandre,
Não canto mais sobre estes.

Não peças ao monge para te dar o ouro puro da Verdade,
Ele não esconde riquezas sob seu disfarce mentiroso;
E não peças para te ensinar alquimia àquele
Cujo tesouro está vazio, a pedra da lareira fria.
Pergunta a que meta se dirige o dervixe vagabundo,
Não conheciam seu desejo os que te aconselharam:
Não questiones mais os seus trapos!

E em seus livros eruditos buscarás em vão
A chave para o portão trancado do Amor; Coração que se fez sábio
Na dor e na tristeza, não peças remédio!
Mas quando o tempo das rosas voltar,
Toma o que ele dá, ó Hafiz, antes que voe,
E não perguntes por que a hora te trouxe isso,
E por qual razão não perguntes mais!

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XXXVII

✦

Levanta-te! e enche uma taça de ouro
Até que o vinho do prazer transborde,
Antes que no cálice pálido e vazio do teu crânio
Um Escanção mais sombrio jogue o pó.
Sim, ao Vale do Silêncio devemos ir;
Porém o frasco rirá e a abóbada do Céu
Vibrará com um eco de resposta antes de irmos!

Tu sabes que as riquezas deste campo
Não permanecem; deixa o fogo da taça
Consumir a colheita fugaz que a Terra possa dar!
Ó Cipreste! verde lar do doce coral do Amor,
Quando eu tiver passado para o pó que sou,
Esquece tua antiga devassidão, e lança
Tua sombra sobre o pó do meu desejo.

Fluam, lágrimas amargas, e limpem-me! pois aqueles
Cujos pés estão postos na estrada que jaz
Entre a Terra e o Céu: "Serás puro", dizem eles,
"Antes de ergueres teus olhos para o puro."
Vendo apenas a si mesmo, o Zelote vê apenas o pecado;
Deixa entrar a dor no espelho de sua alma,
Ó Senhor, e turva-o com o sopro de suspiros!

Nenhum olho maculado contemplará o seu rosto,
Nenhum espelho além daquele de um coração ileso
Ousará refletir a graça perfeita de minha Senhora.
Embora como serpentes que saltam da relva,
Tua trança encaracolada me tenha ferido gravemente,
Teus lábios vermelhos têm o poder do bezoar—
Ah, toca e cura-me onde me me deito à parte!

E quando dela o vento soprar um doce perfume,
Rasga em dois, ó Hafiz, como a rosa, a tua veste,
E lança teus trapos sob seus pés voadores,
Para enfeitar o lugar por onde passa a tua senhora.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XXXVIII

✦

Não me abstenho do desejo até que meu desejo
Seja satisfeito; ou alcance a minha boca
A boca vermelha do meu amor, ou expire minha alma,
Suspirada daqueles lábios que buscaram os lábios dela em vão.
Outros podem encontrar outro amor tão belo;
Em seu limiar deitei minha cabeça,
O pó me cobrirá, ainda ali deitado,
Quando do meu corpo a vida e o amor tiverem fugido.

Minha alma está nos meus lábios pronta para voar,
Mas a dor bate em meu coração e não cessará,
Porque nem uma vez, nem uma vez antes de eu morrer,
Seus doces lábios darão paz a todo o meu anseio.
Meu sopro se reduziu a um longo suspiro
Por uma boca vermelha que queima meus pensamentos como fogo;
Quando essa boca se aproximará e responderá
Àquele cuja vida está estreitada pelo desejo?

Quando eu estiver morto, abre minha sepultura e vê
A nuvem de fumaça que se ergue ao redor dos teus pés:
Em meu coração morto o fogo ainda queima por ti;
Sim, a fumaça se ergue da minha mortalha!
Ah, vem, Amado! pois os prados esperam

Tua vinda, e o espinho dá flores em vez
De espinhos, o cipreste dá frutos, e o desolado
E despido inverno fugiu diante dos teus passos.

Esperando num terreno de jardim encontrar
Uma rosa vermelha macia e doce como tua macia bochecha,
Por todo prado sopra o vento do oeste,
Por todo jardim ele deseja buscar.
Revela teu rosto! para que o mundo inteiro fique
Deslumbrado por tua radiante formosura;
O clamor de homem e mulher vem a ti,
Abre teus lábios e consola a sua aflição!

Cada caracol do teu luxuriante cabelo
Transforma-se em anzóis farpados para capturar meu coração,
Meu coração partido está ferido por toda parte
Com incontáveis feridas de onde brotam as gotas vermelhas.
Porém, quando amantes tristes se reunirem e contarem seus suspiros,
Não sem louvor o nome de Hafiz será dito,
Não sem lágrimas, naquelas pálidas companhias
Onde a alegria foi esquecida e a esperança fugiu.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XXXIX

✦

Cipreste e Tulipa e doce Eglantina,
Desses a história de lábio em lábio é levada;
Lavado por três taças, ó Saki, do teu vinho,
Meu canto girará sobre este argumento.
A Primavera, noiva de todos os prados, ergue-se,
Vestida com sua mais madura beleza: enche a taça!
Das criadas da Primavera corre esta minha canção.

Os pássaros amantes de açúcar da distante Índia,
Exceto um doce persa que foi levado
À bela Bengala, nada encontraram ao seu gosto.
Vê como minha canção, que em uma noite foi feita,
Desafia os limites impostos pelo espaço e pelo tempo!
Sobre planícies e topos de montanhas minha rima destemida,
Filha de uma noite, seu caminho de um ano inteiro encontrará.

E tu, cujo sentido está enevoado de piedade,
Tu também aprenderás a magia dos olhos dela;
Adianta-se a caravana da feitiçaria
Quando daqueles portões se erguem as cortinas de veias azuis.
E quando ela caminha pelos prados floridos,
Sobre a bochecha envergonhada do jasmim o orvalho
Reúne-se como suor, ela é tão bela de se ver!

Ah, não te desvies do caminho da retidão
Embora o mundo te seduza! como uma velha enrugada,
Escondendo sob sua veste a lascívia,
Ela saqueia aqueles que pausam e atendem ao seu gemido.
Do Sinai Moisés te traz riquezas incontáveis;
Não meça tua cabeça diante do bezerro de ouro
Como Samir, seguindo a perversidade.

Do jardim do Shah sopra o vento da Primavera,
A tulipa em seu cálice erguido carrega
Um vinho orvalhado servido pelo Céu;
Até que Ghiyasuddin, o Sultão, ouça,
Canta, Hafiz, do teu anseio pelo seu rosto.
As brisas que sussurram ao redor do teu lar
Carregarão o teu lamento até o Rei.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XL

✦

A margem de um riacho, a sombra do salgueiro,
Uma mente inclinada ao canto, uma doce senhora,
Um Escanção cuja bochecha brilha mais que a rosa,
Um amigo sobre cujo coração o teu coração está deitado:
Ó Nascido sob boa estrela! não deixes tuas horas passarem
Sem valor; que cada minuto ao partir
Deposite o tributo do desfrute aos teus pés,
Para que possas viver e saber que tua vida é doce.

Que todo aquele em cujo coração o desejo
Por um belo rosto jaz como um fardo doloroso,
Para que todas as suas esperanças alcancem seu objetivo sem travas,
Jogue ramos de arruda silvestre sobre o seu fogo.
Minha alma é como uma noiva, com um rico acervo
De pensamentos virgens e fantasias enfeitadas com joias ornamentada,
E na galeria do Tempo posso ainda encontrar
Algum quadro feito para mim, alguma imagem doce.

Dá graças pelas noites passadas em boa companhia,
E toma os presentes que uma mente tranquila pode trazer;
Nenhum coração é sombrio quando a bondosa lua brilha,
E as margens do rio cobertas de grama são belas de se ver.
Os olhos radiantes do Saki, favorecendo Deus,

São como uma taça de vinho transbordando de vinho,
E a ele meus sentidos embriagados vão saudar,
Pois até a dor que ele deixa para trás é doce.

Hafiz, tua vida passou sem ser tocada pelo cuidado,
Comigo em direção à taverna vira teus pés!
Os mais belos salteadores encontrarás ali,
E eles te ensinarão o que é doce aprender.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XLI

✦

Os dias de Primavera estão aqui! a eglantina,
A rosa, a tulipa do pó se ergueram—
E tu, por que me jazes sob o pó?
Como as nuvens cheias da Primavera, estes meus olhos
Espalharão lágrimas sobre o túmulo, tua prisão,
Até que tu também da terra tua cabeça ergas.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XLII

✦

O amor verdadeiro desapareceu de todo coração;
O que aconteceu com todos os belos amantes?
Quando se partiram os laços da amizade?—
O que aconteceu com os amigos que existiam?
Ah, por que os pés de Khizr estão demorando?—
As águas da vida não são mais límpidas,
A rosa púrpura ficou pálida de medo,
E o que aconteceu com o vento da Primavera?

Ninguém agora diz: "Um amor era meu,
Leal e sábio, para afastar meu cuidado."
Ninguém se lembra do direito divino do amor;
O que aconteceu com todos os belos amantes?
No meio do campo, aos pés dos jogadores,
A bola do favor e da misericórdia de Deus veio,
Mas ninguém saltou à frente para renovar o jogo—
O que aconteceu com os cavaleiros velozes?

Rosas floresceram, mas nenhum pássaro se alegrou,
Nenhuma garganta vibrante ressoou com o relato;
O que terá silenciado aquele de cem vozes?
O que aconteceu com o rouxinol?
A música do Céu está calada, e os planetas rolam

Em silêncio; terá Zohra quebrado o seu alaúde?
Não há ninguém para espremer o fruto maduro da videira,
E o que aconteceu com a taça espumante?

Uma cidade onde reis são apenas amantes coroados,
Uma terra de cujo pó a amizade brota—
Quem assolou esse terreno encantado?
O que aconteceu com a cidade dos reis?
Anos se passaram desde que um rubi foi obtido
Da mina da hombridade; eles trabalham em vão,
O vento de pés ligeiros e a chuva vivificante,
E o que aconteceu com a luz do sol?

Hafiz, o segredo da terrível tarefa de Deus
Nenhum homem conhece, na juventude ou no auge
Ou na idade mais sábia; a quem perguntarias:
O que aconteceu com as rodas do Tempo?

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

POEMA XLIII

✦

Onde estão as novas da união? Para que eu me levante—
Do pó eu me levantarei para te dar as boas-vindas!
Minha alma, como um pássaro voador ansiando pelo Paraíso,
Erguer-se-á e voará, livre dos laços do mundo.
Quando a voz do teu amor me chamar para ser teu escravo,
Levantar-me-ei para algo muito maior do que o domínio
Da vida e dos vivos, do tempo e do espaço mortal:
Derrama, ó Senhor! das nuvens da tua graça guia,
A chuva de uma misericórdia que vivifica sobre meu túmulo,
Antes que, como o pó que o vento leva de lugar em lugar,
Eu me levante e fuja além do conhecimento do homem.

Quando à minha sepultura virares teus pés abençoados,
Vinho e o alaúde trarás em tua mão para mim,
Tua voz ressoará pelas dobras da minha mortalha,
E eu me levantarei e dançarei ao som da tua música.
Embora eu seja velho, estreita-me uma noite ao teu peito,
E eu, quando a alvorada vier me despertar,
Com o rubor da juventude em minha bochecha do teu peito me levantarei.
Levanta-te! deixes meus olhos se deleitarem em tua imponente graça!

Tu és a meta para a qual todo o esforço dos homens se apressou,
E tu o ídolo da adoração de Hafiz; teu rosto
Do mundo e da vida o mandará sair e se levantar!

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0